



ENTRE O MOFO E A SOLIDÃO

Gabriela Barbosa Borges¹

RESUMO

Esta pesquisa relata o processo de criação e suas conexões teóricas que surgem da reutilização e ressignificação de processos e materiais ligados à calcogravura. Tendo como mote a prática de criação em processos de criação de gravura em metal, procuro tensionar as ideias de Georges Didi-Huberman, Philippe Dubois e Olivia Laing, para criar analogias sobre memória, mofo e solidão.

PALAVRAS-CHAVE

Gravura. Memória. Mofo. Solidão.

Algum tempo atrás encontrei uma matriz de cobre já gravada e abandonada há anos numa gaveta do Ateliê de Gravura em metal do Instituto de Artes da UFRGS. Sem ter como saber a quem a chapa pertencia antes, comecei a investigar possíveis formas de recuperar aquela matriz para retirar, ou amenizar, as marcas da gravação anterior para reutilizá-la como nova matriz. No processo de limpeza, descobri que boa parte havia sido rebaixada com uma água-tinta, técnica de gravação em que é desaconselhável a remordedura, pois não há uma superfície homogênea para que novos grãos de resina se fixem adequadamente sobre a placa. Por isso, mesmo lixando e polindo a matriz, todo o processo de remordedura de fato deu errado. Nos três processos com água-tinta, apenas uma ficou visível e a água-forte precisou ficar por mais tempo na corrosão do que o normal.

Resgatar uma placa corroída pelo tempo e em estado de abandono, disparou em mim uma série de conexões entre o espaço temporal e os múltiplos significados que damos para a imagem como espaço de (res)significações. Mofos, oxidações e marcas sobre matrizes de metal passam a ser analogias para a memória e para as muitas formas de vidas possíveis, sejam as visíveis, sejam as que não percebemos, mesmo se estão diante de nós. Aquela placa, parcialmente vazia, passa a dar sentido às analogias de LAING (2017), sobre algo que cresce à nossa volta e inibe o contato com o outro, não importando o quanto se deseje conexão. Seja como consequência de fatores internos ou externos, o fato é que quanto mais solitária uma pessoa fica, menos apta a estabelecer conexões ela se torna. Depois que a solidão cresce é difícil desalojá-la.

¹ Graduanda em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/1440720621735310>. Porto Alegre – RS, Brasil.



O processo de atuar no vazio que alguém deixou em uma placa de cobre em estado de abandono, foi o que me chamou atenção, e trabalhar sobre aquela matriz tornou-se um conceito operatório dentro da minha prática de ateliê. Passei dias me perguntando no que aqueles contornos geométricos teriam se tornado se não tivessem sido abandonados, e como eu poderia incorporar aqueles ruídos restantes no meu trabalho. Por fim, decidi que não havia a necessidade de incorporar nada, as contaminações e ruídos são o que são, um lugar que não é meu nem do outro, mas um novo espaço onde ambos existem, coabitam. Essa relação de contato indireto suscita questões sobre nosso desejo de sermos vistos, de encontrar quem nos diga quem somos, pois “como se fôssemos os elétrons de Heisenberg, sentimos que não existimos o tempo todo: existimos apenas quando interagimos com alguém, quando outra pessoa se digna nos ver” (MANGUEL, 2018, p.14).

É a partir da contaminação e impregnação de imagens que entendi a gravura em metal como um campo expressivo, onde tenho maiores possibilidades de desenvolvimento criativo. Seus procedimentos me permitem analogias, seja pelas marcas de gravação, pelas ações do tempo, por acidentes ou intencionais sobre as matrizes, que carregam memórias de imagens gravadas com tanto cuidado e guardadas com zelo em algum momento são cobertas pela oxidação, sofrem arranhões descuidadamente ou são perdidas e alteradas por outrem.



Imagem 1. Gabriela Borges. *Ar fresco*, 2023, Água-forte e água-tinta, Área impressa 20 X 20 cm.
Meus desenhos se mesclam com as marcas de incisões e corrosões anteriores, criando novos espaços de significações.

Analisando minha produção dos últimos anos, é notável uma predileção por paisagens e cenários cotidianos, assim como neles frequentemente se encontram vazios de presença, sem vestígios de formas humanóides ou animais. É ao analisar os vazios que permeiam minha produção anterior que encontro apoio nos textos de Didi-Huberman, questionando se os vazios que produzo (ou almejo produzir) são os vazios não das ausências, mas do *entre*. São vazios que não indicam falta, e sim o momento suspenso e intangível entre algo que já aconteceu e algo que continua por vir. Creio que um bom exemplo disso seja a gravura *Eu não existo aqui dentro*, que exhibe um espaço onde nada está acontecendo, e nisto acentua-se o vazio de uma



temporalidade contraditória e uma ambiguidade que não indica especificamente solidão, mas também a possibilidade de um conforto na suspensão. Meu processo de trabalho em desenho e em gravura possuem similaridades ao exigirem paciência e tempo para que as coisas se assentem e encontrem seu lugar. Neste sentido, entendo que meu processo de trabalho seja lento, por necessitar do tempo de espera que os processos exigem até o surgimento de uma imagem, mas também pelo tempo de concretização de uma imagem mental. Diferente do papel e da tela que são suportes relativamente passivos, a matriz de calcogravura tem suas particularidades, apresenta um embate, não uma luta de opostos, criando diálogos que se cruzam entre o corpo do artista e a matriz, a partir da combinação de suas forças, seja nas suas imperfeições ou em suas melhores condições. Portanto, na concretização de uma imagem, a técnica revela não só a experiência do gravador como a vontade da matéria.

Não se trata de impor uma forma a matéria, mas de tornar expressiva a própria matéria, ou seja, não significa reproduzir formas prontas, mas atualizá-las em suas contingências. Isto é, abrir espaço de encontro, na pedra, na madeira, para que aconteça o momento estético a partir de suas qualidades. (OLIVEIRA; KANAAN, 2015, p.187)

No caso da gravura em metal, a construção das formas registra não apenas os diálogos vindos do corte ou da corrosão, mas também registra o tempo de um processo que não reproduz os sulcos, reproduz ou rastreia os vestígios do que permanece na matriz. Cada impressão é sempre um vestígio do que não está mais ali, algo que nunca é exatamente copiado mas uma realidade sempre em trânsito. O tempo da gravura acaba por requerer suspensões que acabam por transparecer nas obras.



Imagem 2. Gabriela Borges. *Eu não existo aqui dentro*. 2023. Ponta seca e água-tinta, área impressa 10 X 15 cm.

Apesar da contradição, não viso gravar certas imagens para que permaneçam intactas, garantindo a permanência da memória, mas para que as suspensões



possam contribuir com as distorções de tempo e narrativas possíveis, a partir da fixação e da repetição, tal qual uma memória que se modifica toda vez que a evocamos. Para Freud é impossível ter a multiplicidade e a integralidade da memória ao mesmo tempo. Ou se preserva múltiplos fragmentos da memória ou se preserva um único fragmento em sua integridade (FREUD apud. DUBOIS, 1993, p.321). De maneira semelhante, a gravura gera múltiplos que se diferenciam ao se repetirem, e preserva na matriz o fragmento em sua integridade, ainda que passível de deterioração com o tempo.

Entendendo que a memória é algo mutável e influenciada por nossas percepções do momento, minha prática artística surge de memórias pessoais contaminadas pelo sentimento de isolamento, já que memórias adquiridas em estados inexpressivos são mais difíceis de serem evocadas do que aquelas adquiridas em estado de alerta ou com grande carga emocional. Assim, não viso condicionar as imagens à precisão de uma narrativa temporal ou identitária. A intenção é que as imagens sejam representações simbólicas de memórias de qualquer pessoa, como um sonho febril esquecido há muito tempo, do qual não há lembrança exata sobre quem, quando, onde ou porquê daquela existência. Nelas, permanecem apenas breves lampejos.

A analogia entre mofo e solidão se dá a partir da simples associação de ideias que atravessam as vidas, do mofo e dos seres humanos. E porque não, sobre o significado de imagens, que podem ou não afetar e ser afetadas por quem as cerca. Enquanto organismo vivo que foge de um senso de limpeza, utilidade ou beleza que o ser humano estabelece, o mofo tem sua existência e perpetuação muitas vezes associada à maus hábitos com o (auto)cuidado e acondicionamento de recursos que nos rodeiam. A vida que nos atravessa é a mesma, e o mofo, tanto quanto os humanos, resistem aos sistemas vigentes. Suas vidas surgem, às vezes repentinamente, e desaparecem, com a mesma rapidez. Às vezes essas vidas constroem redes que se expandem para além de si, às vezes não. Vejo o mofo que se instala sobre as muitas superfícies e materiais ao nosso redor como uma potente metáfora para solidão humana. Ambos tomam diversas formas, dimensões, significados e são capazes de estabelecer relações parasitárias ou mutualistas. Ao refletir sobre outros modos de vida e possibilidades de existência, é possível repensar nossa cultura de subsistência e entender os contextos da solidão na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 2008.

LAING, Olivia. **A cidade solitária**: As aventuras na arte de estar sozinho. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

MANGUEL, Alberto. **Encaixotando minha biblioteca**: uma elegia e dez digressões. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

OLIVEIRA, Andréia Machado; KANAAN, Helena A. R; FONSECA, Tânia Mara G. A gravura

33º
Encontro
Nacional
da *anpap*.

VIDAS



como objeto tecno-estético. In: **Revista Educação Gráfica**, v. 1, p. 181-195, 2015.